

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas I).
- BORGES, J.L. Sobre los clásicos. *Antología personal*. Buenos Aires: Emecé, 1968.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Camões e Drummond: a máquina do mundo

SILVIANO SANTIAGO

Nota explicativa

A crítica literária é também escrita pela figura da coincidência. Passei o biênio 1962-1964 como professor no Departamento de Línguas Modernas da Universidade do Novo México, em Albuquerque. Fui encarregado de ensinar os vários cursos nas literaturas portuguesa e brasileira. Coincidiu que ensinei, ao mesmo tempo, um curso sobre Gil Vicente & Camões e outro sobre a poesia modernista brasileira. Coincidiu que reli *Os Lusíadas* ao lado do meu livro preferido de Carlos Drummond, *Claro enigma*. Não fiquei insensível ao tema da “máquina do mundo” num e no outro. Daí para sair para a questão do discurso da tradição no Modernismo brasileiro foi um passo. Retornaria a essa questão, num movimento mais amplo, em palestra que fiz para a FUNARTE, hoje em *Nas malhas da letra* (SANTIAGO, 2002).

Antes de transferir-me, em setembro de 1964, para a Universidade de Rutgers, em New Brunswick (New Jersey), escrevi um longo ensaio sobre o *tópos* da máquina do mundo em Camões e Drummond, que foi submetido à revista *Hispania*. O texto foi aprovado pelos dois “referees” (anônimos). Julgaram-no, no entanto, muito longo, um pouco mais de trinta laudas. O editor da revista disse-me que só o publicaria se reduzisse o texto a umas dez laudas. Como tinha interesse em ter publicações em revistas acadêmicas norte-americanas (lembrem-se do “Publish or perish”), curvei-me ante a exigência.

nas obras de *science-fiction*, gênero H. G. Wells. E a comparação tem a sua razão de ser, pois o objeto, para Drummond, não tem função distinta da "máquina do tempo" para os personagens do romancista inglês.

Em Camões e Drummond, a máquina do mundo satisfaz curiosidades. A curiosidade geográfica e astronômica dos navegadores portugueses, curiosidade que se satisfaz pela extensão, já que extensão e olhar (significativo uso dessa palavra na estrofe 76, Canto X) são sinônimos para o descobridor, preocupado em conquistar e dominar terras, e não idéias, ou mesmo homens. E a visão oferta a Vasco da Gama e aos seus apenas lhes dá a conhecer uma parte restrita, confinada do mundo; a lição de Têtis é de mecânica celeste e de geografia universal. Satisfaz no poeta mineiro a curiosidade humana e filosófica que, por muito, se lhe havia sido negada (cf. poemas citados). O Universo, no poema de *Claro enigma*, como não tem um correspondente real ou científico, tem contornos mais amplos e menos palpáveis, e o seu conhecimento não equivale a um acréscimo territorial, mas a uma compreensão mais vasta do mundo e dos homens, sua causa, sua relação e seu porvir; conhecimento da condição humana. (Daí não denegrir o poema o fato de a máquina do mundo não estar baseada em conhecimento científico). Resposta à curiosidade científica, num caso; à curiosidade filosófica, no outro. Busca de alargamento de fronteiras espaciais num caso, busca de alargamento de fronteiras humanas no outro. Busca de um ideal, numa só palavra.

E o caráter da recompensa em ambos os casos nos dá o tom que os difere. A máquina é dada aos portugueses como recompensa pelos feitos heróicos, é um modo de coroar as suas valentia, disciplina e coragem, e significativo é o fato de, para obtê-la, terem de subir ao "erguido cume", "onde um campo se esmaltava / De esmeraldas, rubis tais que presume / A vista que divino chão pisava" (X, 77). E sobre o chão divino são deificados. No poeta de *Sentimento do mundo*, a máquina é uma recompensa pela vida vivida ("Viver é perigosíssimo," alertava

Quimarães Rosa), já que, anteriormente, ela se lhe fora negada, e não tem ainda o aspecto de coisa ofertada por alguém, mas de algo que se oferece (note-se, no poema, o emprego constante da passiva com *-se*, quando se omite o agente da ação), se oferece a um homem e, em lugar dos rubis e esmeraldas que esmaltam o caminho para o monte, temos "uma estrada de Minas, pedregosa". E esse realismo voluntário, recusa também do aproveitamento da mitologia greco-latina, é coerente com a situação dada pelo poeta, que, recusando a máquina do mundo, recusa também as glórias da sua possessão, a Fama. Aceita a sua condição de homem, de mortal.

Hispania, september 1966.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- MELO NETO, João Cabral. *Duas águas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- PESBOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.
- PESBOA, Fernando. *Páginas de doutrina estética*. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1946.
- SANTIAGO, Silviano. *Salto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1970.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SARAIVA, Antônio José. *Para a história da cultura em Portugal*. Lisboa: Centro Bibliográfico, 1946.
- SILVA, Luciano Pereira da. "A astronomia nos Lusíadas". In: *Revista da Universidade*. II Coimbra, 1913.